

# COEXISTÊNCIA, UMA PERFORMANCE INSTALAÇÃO

Eduardo Silveira d'Avila, UERGS<sup>1</sup>

Tatiana Cardoso da Silva, UERGS<sup>2</sup>

## RESUMO

O projeto *Coexistência: uma performance instalação* propõe a criação e produção de uma série de registros em artigo, fotolivro e minidoc sobre a obra híbrida denominada *Coexistência*, evento artístico internacional que mistura performance, teatro, música, artes visuais e mídias digitais. *Coexistência*, uma coprodução entre o grupo de pesquisa Gesta (Brasil) e o grupo *Teatret Om* (Dinamarca), teve sua estreia em agosto de 2022 na cidade de *Ringkøbing-Skjern*, Dinamarca, dentro das atividades do Festival Internacional *UR-NAT Performance Art*. Com obras artísticas que dialogam na interação entre o humano e outras formas de vida, o principal referencial teórico foi Emanuelle Coccia, Ailton Krenak e Jerzy Grotowski. Estima-se que os resultados em forma de artigo, fotolivro e minidoc, colaborem para a sensibilização às questões ambientais e divulguem, dentro e fora do país, o conhecimento, as experiências e os modos de fazer arte desenvolvidos no curso Graduação em Teatro: Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

## PALAVRAS CHAVE

Performance, Meio ambiente, Metamorfose.

## ABSTRACT

The project *Coexistence: A walking performance* proposes the creation and production of a series of records in the form of an article, a photobook and a mini-doc about the hybrid work called *Coexistence*, an international artistic event that mixes performance, theater, music, visual arts and digital media. *Coexistence*, a co-production between the research group Gesta (Uergs) and the Teatret Om group (Denmark), had its premiere in August 2022 in the city of *Ringkøbing-Skjern*, Denmark, within the activities of the International Festival *UR-NAT Performance Art*. With works of art that dialogue in the interaction between humans and other forms of life, the main theoretical frameworks were Emanuelle Coccia, Ailton Krenak and Jerzy Grotowski. It is estimated that the results, the article, the photobook and the mini-doc will collaborate to raise awareness of environmental issues and disseminate, inside and outside the country, the knowledge, experiences and ways of making art developed in the Theater Graduation Course, from the State University of Rio Grande do Sul.

---

<sup>1</sup> Bolsista de iniciação científica CNPq. Estudante do curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Professor e ator.

<sup>2</sup> Professora adjunta do curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Doutora e Mestre pelo PPGAC da UFRGS. Coordenadora do GESTA: grupo de pesquisa em Teatro e Educação. Diretora e atriz. Orientadora do projeto.

## KEY WORDS

Performance, Installation, Environment.

O projeto de pesquisa *Coexistência: uma performance instalação* trata da criação de um minidocumentário e um fotolivro sobre *Coexistência*, evento artístico que uniu performance, música e artes visuais, ocorrido na Dinamarca em agosto de 2022. Os registros foram feitos em imagens em fotografia e vídeo das apresentações e ensaios do processo vivido, bem como de textos dos autores e autoras da performance e depoimentos de áudio a partir de entrevistas feitas à equipe participante. O fotolivro e o minidoc servem como forma de arquivo e divulgação das pesquisas realizadas pelo Gesta: Grupo de Pesquisa em Teatro e Educação no curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Compõe a performance instalação *Coexistência*, uma série de esculturas orgânicas que foram erguidas em diferentes pontos do parque de pinheiros de Hoverdal, nos arredores da pequena cidade de Ringkøbing-Skjern, Dinamarca. As esculturas, feitas apenas com materiais descartados pela natureza, foram criadas pela artista visual, figurinista e cenógrafa do Teatret OM, Antonella Diana. Em relação à cada instalação, as performers Nathalia Barp e Rafaela Giacomelli do grupo Gesta (Uergs) e o performer convidado Rodrigo Carinhana, vivenciavam diferentes ações ou situações em meio ao público participante. A atriz Hisako Miura (Japão) foi a responsável pela condução do percurso pela floresta. O evento aconteceu com a participação do músico dinamarquês Håkon Berre, executando sua trilha sonora original ao vivo. A maior parte das fotos que compõe os registros e formam a base para a elaboração do fotolivro foram feitas pelo fotógrafo italiano Francesco Galli, que acompanhou o trabalho do grupo. Além de parte da equipe do projeto, as imagens em vídeo que compõe o minidoc foram captadas por Francesco Galli e Maya Sykes, entre outras, feitas também pela equipe. A coordenadora deste projeto e do grupo de pesquisa Gesta, professora do curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Uergs, Tatiana Cardoso, foi a diretora da performance.

*Coexistência*, uma coprodução entre o Gesta (BR) e Teatret OM (DK), é o desdobramento de uma pesquisa anterior feita na Uergs, entre 2020 e 2021, denominada *Compossíveis: quando o ambiente vira corpo*, que gerou oito vídeo performances feitas

a partir de figuras ficcionais nascidas da mistura do corpo humano com outro ser vivo. É possível assistir às vídeo performances no canal Teatro na Uergs<sup>3</sup>, no YouTube.

Nesta ocasião já contávamos com a parceria de Antonella, que alguns meses depois do término daquele projeto, fez o convite para participarmos do *Festival Internacional UR-NAT Performance Art*, organizado pelo Teatret OM. Este convite se configurou como um divisor de águas dentro da produção artística acadêmica da Uergs, pois levou o trabalho artístico realizado na instituição ao encontro do circuito profissional de arte e performance na Europa, fortalecendo assim a ideia de aprender fazendo e enfatizando ainda mais a importância de estabelecermos parcerias e colaborações com outras culturas e instituições.

O que surge da mistura do corpo humano com o corpo de outros seres vivos? Em meio à floresta de pinheiros e as esculturas orgânicas, as ações dos performers evocavam passagens, derivas e migrações. Em *Coexistência*, impulsionados por Coccia (2020), quisemos provocar a ideia de que há uma única vida, a vida de Gaia, que gosta de transitar e aparecer entre múltiplas e diferentes formas. Os performers, em relação direta com a floresta, com as esculturas, com a música e os espectadores, provocavam jogos e deslocamentos que os faziam mudar de forma e caráter. Assim evocamos a noção de metamorfose (Coccia, 2020) como a própria capacidade de estarmos imersos no mundo e mudarmos com ele. Como sujeitos que aprendem a desassujeitarem-se, interdependentes que somos de um sistema que só pode existir de forma integrada, as operações atorais buscavam o tempo todo aproveitar a motivação de que a diferença não está propriamente nas coisas, mas no próprio estado de consubstanciação com o entorno. Coccia (2020) nos ajuda a pensar:

A metamorfose é a adesão e a coincidência com um corpo estranho - o corpo de um outro que adotamos, que domesticamos pouco a pouco. Atravessar uma metamorfose significa poder dizer "eu" no corpo do outro. Todo ser metamórfico - todo ser nascido - é composto e habitado por essa alteridade que jamais poderá se apagar. (COCCIA, 2020, p. 52).

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XRmG\\_IBbD70](https://www.youtube.com/watch?v=XRmG_IBbD70) Acessado em 10 de abril de 2023 às 14:30.



Uma das figuras da performance, denominada Ser de palha.<sup>4</sup>

Assim a metamorfose pode também aparecer no corpo não como atributo, mas como rastros de um passado ancestral que sobrevive no gesto, e que a cada atualização pode ser diferente, presentificando novas possibilidades de futuro. Na busca por um gesto que em sua manifestação, esteja apto a transformar a si e seu entorno, capaz de afetar e ser afetado em processos poético-estético que geram significantes no momento mesmo em que acontecem, a noção de performance é fundamental nesta operação, já que dilui fronteiras epistemológicas. Para isso, seguimos o pensamento de Leda Martins, poeta, ensaísta, dramaturga e professora, que resgata os Estudos da Performance como eixo referencial de aproximação das referências técnicas e poéticas com as referências étnicas e ambientais. Em suas reflexões, ela aborda a performance e o teatro tecendo um fio condutor que opera entre a antropologia, biologia e arte:

Minha hipótese é de que o corpo em performance é, não apenas, expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento [...]. Nesse sentido, o que no corpo se repete não se repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recreação, transmissão e revisão da memória do conhecimento, seja esse estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico, etc. (MARTINS, 2003, p. 66).

Como local de inscrição, a corporeidade é território de memória e de saber, capaz de rememorar em gesto, uma nova oportunidade de consciência como ser vivente junto a todos os outros seres não humanos, podendo interferir diretamente sobre como pensamos, agimos e trabalhamos pelo futuro do planeta. Para isso desenvolvemos a ideia de um corpo ecossistêmico, ou seja, aquele que em performance, está aberto e poroso em relação

---

<sup>4</sup> Foto de Francesco Galli.

ao seu meio, fortalecendo a ideia não de um corpo individual, separado e dado no tempo, mas um corpo relacional, que se deixa atravessar pelo mundo em constante transformação, sensível a uma escuta atenta e seguindo uma bússola ética: de atenção e cuidado para consigo e com os outros seres. A ideia de Suely Rolnik, se referindo ao modo de existência indígena, complementa: “Um ecossistema que não é só ambiental, mas social e mental.<sup>5</sup>” Corpo ecossistêmico é aquele que em suas práticas e pensamentos promove justamente um corpo relacional, que tem em sua base o cuidado sobre si e sua comunidade, aos não humanos e ao ambiente. Dentre outras noções, *Coexistência* sintonizou também com o conceito de ecoperformance, assim como provoca Maura Baiocchi, quando diz que “[...] o ambiente, em sua complexidade animal, vegetal e mineral, se torna sujeito da cena, o entorno vira centro, mas por toda parte.” (*apud* PANNEK, 2021, p. 11).

No decorrer do processo de criação e durante os ensaios e apresentações de *Coexistência*, foram feitos vários registros áudio visuais pelos artistas e outros colaboradores. A partir da organização e composição destes conteúdos é que os resultados deste projeto, o fotolivro e o minidoc estão sendo feitos, podendo existir tanto como obras artísticas independentes, quanto como materiais didáticos que divulgarão, dentro e fora do país, o conhecimento, as experiências e os modos de fazer arte desenvolvidos na Uergs. É de suma importância que registros como estes sejam feitos para multiplicar e trazer ao debate aspirações e resultados de trabalhos vinculados à academia, demonstrando mais uma vez o compromisso de nossas instituições com as causas ecológicas. Os registros e documentações de uma produção artística, efêmera em sua natureza, podem, de alguma forma, fazê-la perdurar e levantar outras questões - e se não dizem da mesma forma como foi em sua manifestação presencial, no momento da obra, ao menos podem deixar imagens e palavras como restos a serem revirados provocando outras leituras e imaginações. Expandir em outras linguagens um trabalho performativo tal qual *Coexistência* é insistir em afirmar que a arte pode insinuar novas possibilidades de visão e transformação, colaborando na luta por uma humanidade mais sensível, autossustentável e capaz de coexistir em equilíbrio ecossistêmico com todos os outros seres que compõe nosso planeta.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k5SP0GHjWfw>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2023 às 12:40.

Para a realização dos objetivos propostos, a metodologia foi baseada na interação entre bolsista e orientadora em encontros quinzenais ao longo de um ano. As reuniões se definiram em estudos teóricos, experimentações e modos de operar a partir dos materiais já existentes, coletados na ocasião dos ensaios e apresentações da performance em agosto de 2022. Junto à seleção e organização dos materiais, também se agregaram outros registros, sobretudo de áudios, com depoimentos da equipe de *Coexistência* que vieram de entrevistas e debates, fazendo com que todos os envolvidos exercessem um papel articulador e facilitador na investigação e propagação do conhecimento.

Para a produção do fotolivro, tomamos como referência, a publicação *Ray Caesar: art collection* (CAESAR; MURPHY, 2008), sobre a obra do artista visual inglês. Suas obras, no estilo pop surrealista, mostram criaturas que parecem vir de outro mundo, seres híbridos, nem masculinos, nem femininos; nem adultos, nem crianças, criaturas que aparecem em uma mistura de fantasia e crueldade. Os personagens criados por Caesar nos acompanham como referência há muitos anos em nossas pesquisas, sobretudo pela sua capacidade de unir em uma só criatura, seres de mundos tão diferentes, o que certamente é um forte impulso para as questões que queremos abordar. As fotos escolhidas foram aquelas que revelavam momentos que para nós foram significativos do processo, tanto de ensaios quanto com a presença do público. A visualidade do fotolivro contou com a colaboração da professora do curso Graduação em Artes Visuais: Licenciatura, da Uergs, a Profª. Dra. Mariana Silva da Silva.



De outra parte, a narrativa do minidocumentário acontece em três blocos: o primeiro bloco está relacionado com a artesanania envolvida na criação de Coexistência. Neste momento, nos dedicamos a ressaltar imagens da floresta de Hoverdal mescladas com os momentos iniciais do processo, imagens de ensaios e do dia a dia da equipe. Aos poucos, a natureza vai se revelando através dos materiais usados na confecção dos figurinos e esculturas orgânicas, mas ainda dentro de ambientes fechados. Para a edição, provocamos um ritmo que introduzisse lentamente o espectador, levando aos poucos a adentrar no universo misterioso e mágico da floresta. Assim é possível aguçar a atenção aos detalhes, como por exemplo: um fungo agarrado a uma árvore, o movimento das formigas compondo seu formigueiro ou a suavidade das águas de um lago, pequenas aberturas a outras formas de vida que pedem para serem contempladas com calma. Enquanto selecionávamos as imagens, uma delas nos chama a atenção: dentro da floresta, as atrizes da performance ensaiam um segmento coreográfico aos olhares da diretora, que faz suas anotações no diário de bordo. Enquanto isso, um besouro de cor azul escuro brilhante (similar à cor que se imaginava antes de conhecê-lo, na criação da arte gráfica do espetáculo) caminhando se aproxima das anotações e funde natureza e arte, nos indicando por onde começar nosso filme. Uma das músicas do espetáculo compõe a atmosfera dessa primeira passagem pelos detalhes, em planos mais fechados. Logo após, já estamos dentro dos ensaios, das costuras, da manufatura das construções de cenários e demais objetos cênicos. O ritmo acelera constantemente até atingir seu ápice, revelando a floresta em plano aberto e a imensidão das árvores. Este looping é o convite para entrarmos no mundo do parque de Hoverdal, lugar em que aconteceu a maior parte de nosso processo.

No segundo bloco procuramos apresentar a ordem cronológica da dramaturgia de ações da performance, com a intenção de evocar as sensações que a obra traz em seus distintos momentos. Os registros produzidos nos ensaios e em alguns dias de apresentação permitiram jogar com uma certa continuidade, porém sem a intensão de criar a ilusão desta, fazendo com que a cena possa ser vista de vários ângulos, guardando particulares diferenças a cada repetição. Algumas imagens também foram registradas em uma câmera

---

<sup>6</sup> Foto de Francesco Galli.

*GoPro*, em planos abertos, permitindo certo dinamismo à montagem. Foi preciso lançar mão de querer revelar todos os caminhos e sequências do espetáculo para focar nas sensações e atmosferas vivenciadas na prática, por nós. A tarefa de narrar o processo através da edição do filme, atritava o tempo todo com as percepções do acontecimento vivenciadas no aqui e agora daquele presente que já virou passado. Era preciso traduzir e reinventar, para melhor narrar nossa história, com outra composição de imagens, de áudios, depoimentos ou recursos de edição. Assim, escolhemos novas saídas procurando imprimir um olhar novo para cada momento da performance. Na cena chamada pelo grupo de 'Espíritos', por exemplo, as imagens estão todas sobrepostas pelo recurso de transição chamado *cross dissolve*, usado em vários momentos do filme, mas aqui intensificado, a fim de fundir a floresta, os casulos suspensos<sup>7</sup> em uma grande dança de almas e vozes.



Vista dos casulos suspensos com público.

Em outro momento do processo, ao editarmos a cena chamada de 'Seres de barro', foi dada atenção ao rosto de cada figura que se formariam das profundezas da terra, com máscaras que lembram bufões em sua deformação e discurso crítico inerentes. Uma das falas da cena é mixada e repetida muitas vezes, gerando o efeito de estranhamento grotesco da cena. Ademais, em outra cena, foram tomadas imagens na internet sobre o pássaro construtor e intercaladas com imagens da cena da performance denominada “Ninho”, na qual os atores realizam a sua versão dos amantes que constroem ninhos e

---

<sup>7</sup> Uma das esculturas orgânicas de Antonella Diana. Foram criados seis casulos, feitos com uma estrutura de vime coberta com tufo de lã de ovelha de diferentes cores. Cada casulo tinha uma dimensão aproximada de três metros de altura por um metro e meio de largura. Foram suspensos, postos em relação uns aos outros, em alguns pinheiros da floresta, a cinco metros de altura aproximadamente.

dançam para atrair as fêmeas. De outra parte, ao longo da edição, silêncios e sons da mata são ressaltados, murmúrios do humano jogando com as árvores, os animais ou o tempo, tensão e leveza. Novamente misturam-se as existências em coexistência, desta vez em audiovisual.

Para finalizar, optamos por dar luz aos planos em que a natureza está sem a presença de humanos. São detalhes do ambiente, recantos verdes, chão de musgo, o movimento da chuva e o desenho dos galhos secos das árvores de Hoverdal que falam por si só. Para terminar o minidoc, associamos esta paisagem intensificando um jogo múltiplo de imagens de toda a performance, inclusive utilizando repetição de algumas cenas, provocando uma espécie de *flashback* de todo o processo, do início até sua conclusão.



Fragmento da cena final.<sup>8</sup>

Com a produção final do minidoc e do fotolivro, estima-se alcançar sua disponibilização virtual e física para um largo espectro de público, buscando fortalecer o trabalho interdisciplinar, diluindo as fronteiras das áreas de conhecimento e ampliando a multiplicidade de alianças entre diversos contextos e países. Almeja-se que o intercâmbio estabelecido entre os artistas envolvidos, do Brasil e da Dinamarca, seja uma experiência estimulante para que outros projetos como este possam acontecer entre nossos alunos, alunas e docentes, ampliando o alcance do trabalho desenvolvido na Uergs para outras paragens dentro e fora do Brasil.

---

<sup>8</sup> Foto de Francesco Galli.

A performance *Coexistence* e este projeto, por fim, pretendem chamar atenção para a conexão intrínseca do humano com o meio ambiente e à necessidade urgente de percebermo-nos como parte e não como donos da Terra. Precisamos estar aptos a criar uma outra condição de ser vivente neste planeta, colaborando junto a todas as outras formas de vida, assim como nos ensina o líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor Ailton Krenak (2019, p. 69): “Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo [...]”

## REFERÊNCIAS

- BAIOCCHI, Maura. Boas vindas do Festival Internacional de ecoperformance. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RwLshQp5k8M>. Acessado em: 5/01/2023 às 22:30.
- CAESAR, Ray; MURPHY, Mark. Ray Caesar: art collection. Ray Caesar, Toronto, Canada and Murphy Design Inc., San Diego, California, 2008.
- COCCIA, Emanuele. Metamorfoses. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.
- GROTOWSKI, Jerzy. Performer. Revista *Performatus*, Inhumas, ano 3, n. 14, jul. 2015.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- LOVELOCK, James. Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra. Lisboa: Edições 70, 2020.
- MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- PANNEK, Wolfgang. Ecoperformance: rumo à simbiocena. Revista *Heterotopías del Área de Estudios Críticos del Discurso de FFyH. Volumen 4, N° 8. Córdoba, diciembre de 2021*.
- ROLNIK, Sueli. Fórum de ciência e cultura da UFRJ recebe Sueli Rolnik e Ailton Krenak. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k5SP0GHjWfw> Acessado em 10 de fevereiro de 2023 às 18:10.